

“Velório Express”:

um olhar etnográfico sobre ritual fúnebre na pandemia do covid-19

“Express Burial”: an ethnographic view at a funeral ritual in the covid-19 pandemic

RESUMO

Este texto narra o evento do funeral de minha avó em abril de 2020, no início da pandemia do covid-19 no Brasil. Trata-se de um relato pessoal, exposto sob uma mirada antropológica. Resgato cenas e emoções experienciadas na intenção de remontá-las como dados etnográficos. Este relato é como uma fotografia em que, a partir de um cenário, conta uma história sobre a morte e os funerais durante a pandemia do coronavírus no Rio de Janeiro.

Palavras-chave: morte – funeral - covid-19 – etnografia - emoções.

ABSTRACT

This is a narrative of the event of my grandmother’s funeral, in April 2020, at the beginning of the covid-19 pandemic in Brazil. It is a personal account, told from an anthropological perspective. I rescue scenes and experienced emotions with the intention of reassembling them as ethnographic data. Thus, this report is as a photograph in which, from a scenario, it tells a story about death and funerals during the coronavirus pandemic in Rio de Janeiro.

Keywords: death – funeral - covid-19 – ethnography - emotions.

* Doutoranda e Mestre em Saúde Coletiva pelo Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Psicóloga pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com especialização em Psicologia da Saúde pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. CV: <http://lattes.cnpq.br/0766664730578605>

O enterro de Giuseppina¹, minha avó materna, ocorreu em abril de 2020, no dia seguinte ao de sua morte, em uma tarde ensolarada, no cemitério São Francisco Xavier, no bairro do Caju, cidade do Rio de Janeiro. Minha mãe explicou que, em decorrência da pandemia, havia então três modalidades de funeral: sem velório, em que o caixão, quando liberado, era levado diretamente para o jazigo e podia ser acompanhado por familiares; o “velório pago”, que é o modelo habitual – uma sala reservada com alguns bancos para familiares e amigos velarem o corpo por algumas horas, com participação opcional de um cerimonialista, até o sepultamento –, mas, pela pandemia, este serviço contava com cobrança adicional; por fim, o “velório express”², o modelo escolhido por minha mãe e tias. Esta era uma modalidade recentemente criada, devido às exigências sanitárias que a pandemia impunha. No “velório express”, o funeral acontecia ao ar livre em uma rua do cemitério, a família tinha vinte minutos para velar o corpo e não eram oferecidos serviços religiosos adicionais.

Cheguei no cemitério acompanhada por minha mãe e irmã. Rebeca e Olga já estavam lá; aguardavam no espaço aberto em uma das principais ruas do cemitério, perto da entrada principal. Todas estávamos com máscaras caseiras, confeccionadas por Olga no sábado anterior à morte de minha avó, quando estávamos reunidas em torno dela. Usávamos álcool em gel e não nos encostávamos – olhando fora de contexto e de longe, poderíamos parecer colegas de trabalho que se encontram fora do ambiente corporativo. Não era dessa maneira que imaginaria minha família no funeral da matriarca. Sobrava às palavras e ao olhar transmitir todo o afeto.

Além da tristeza, meus olhos transmitiam tensão, pois aparentemente o cemitério estava mais movimentado que o ‘usual’. Talvez porque aguardava em uma área comum na entrada do cemitério, e não em uma sala reservada, tive a noção do número de caixões que transitava em um período de vinte minutos em um cemitério. Tampouco contei quantos caixões passaram, mas, naquele momento, pareciam muitos. Não tenho dados sobre aumento ou não do número de enterros no cemitério São Francisco Xavier naquele dia, mas o mês de abril daquele ano começou com notícias de crescimento no número de mortes por COVID-19 no Rio de Janeiro.³ Em 25 de março de 2020, o Ministério da Saúde havia oficializado em documento as recomendações restritivas sobre velórios e funerais em decorrência da pandemia. Naquela época, o novo coronavírus ainda era recente no país, mas já estávamos assustados com as

¹ Giuseppina teve três filhas: Camila, Clara e Rebeca. Camila, divorciada, teve duas filhas (atualmente a filha mais velha, Vitória, mora com ela; eu, a mais nova, me mudei, saí de sua residência no período inicial da quarentena). Clara, casada com Leandro, tem uma filha (Mariana, 20 anos) e um filho (João Pedro, 16 anos). Rebeca, solteira e sem filhos, mora com uma amiga, Olga (considerada como “da família”). Como as três filhas residem no mesmo bairro, a uma distância curta, são capazes de caminhar entre suas casas. Assim, elas se organizavam e compartilhavam os cuidados de Giuseppina.

² Não tenho certeza se esta denominação – “velório express” – era formal ou uma expressão cunhada por minha família.

³ Como exemplo, esta notícia no G1, do dia 1º de abril de 2020 (sete dias antes da morte de minha avó) anunciava “Com aumento de 46% em um dia, RJ chega a 41 mortes, com quase mil casos do novo coronavírus”. Este havia sido o maior crescimento de óbitos em 24 horas desde o primeiro óbito de COVID-19 no Brasil, que ocorrera cerca de três semanas antes. Ver: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/04/01/casos-de-coronavirus-no-rj-em-1o-de-abril.ghtml>. Último acesso em: 21 de maio de 2021.

cenar de notícias de colapso funerário em outros países, como Itália e Equador.⁴

Pouco depois chegaram Clara, Leandro e Mariana, de táxi. Logo em seguida, Rebeca, que estava à frente na lida com a administração cemiterial, avisa que devíamos ir ao espaço dedicado ao “velório express”. Um funcionário do cemitério nos guiou por um longo trajeto pela “avenida principal”, até dobrarmos em uma rua à direita. Nesta rua a mesma estrutura se repetia alternadamente entre as calçadas da esquerda e da direita: uma grande mesa de concreto com uma estrutura que dava cobertura, com um design semelhante a um ponto de ônibus. Estes eram os espaços para velório ao ar livre. O funcionário solicitou que aguardássemos ao fim da sequência de espaços funerários em um típico “banco de praça” – todos os espaços (cinco, se não me engano) estavam ocupados e os funcionários logo trariam o caixão com minha avó.

Os funerais alheios me pareciam especialmente silenciosos e vazios. Poucas pessoas velavam seus mortos. Senti falta da presença das primas que cresceram comigo; lembro-me de seus abraços que recebi no funeral de meu avô, assim como espero que elas também tenham se sentido acolhidas quando as abracei no funeral de sua avó, irmã de Giuseppina. Enquanto esperávamos pela chegada do caixão com o corpo de minha avó, um funeral chamou minha atenção. Um filho, que aparentava cerca de 40 anos, e sua mãe, agora viúva, consolavam-se contidamente, quando foram interrompidos por um funcionário do cemitério. Uma vez findos os vinte minutos de velório, eles deviam se encaminhar para o sepultamento do pai da família. Na falta de mais parentes ou amigos presentes, o funcionário do cemitério precisou chamar seu colega para ajudá-los – ele e o filho do falecido – a suspender o caixão para colocá-lo no carrinho para o transporte.

Como há exceção para tudo, uma das estruturas destinadas aos “velórios express” era ocupada por outro funeral com frequência em torno de 30 pessoas presentes, a maioria com máscara. Nesta data o uso de máscara ainda não era obrigatório. A ampla adesão a esta indumentária, até então nada habitual em nosso cotidiano, causou estranhamento. Talvez a “insalubridade” do cemitério tenha contribuído para o uso. De acordo com o senhor que guiava a reza, o grupo velava o corpo de uma senhora que prestou serviços voluntários em sua comunidade religiosa (templo ou igreja). Pela quantidade de pessoas presentes, a dedicação da senhora foi significativa.

Em seguida, por outra rua, chegou um funcionário do cemitério com um caixão. Parou próximo à minha família – só nós estávamos esperando ali – pegou o papel para anunciar o nome. Sua postura trazia um quê de confiança, que logo se dissipou, ao se deparar com o nome triplo iniciado por um primeiro nome incomum. De “Giuseppina Maria Amélia” não precisou nem chegar na segunda sílaba, já havíamos reconhecido minha avó.

Colocamos o caixão sobre a mesa recém-liberada e, com tom de pressa, ele perguntou se queríamos abrir o caixão (a “janelinha” na direção do rosto). Todos nos entreolhamos constrangidos, esboçamos um “não” e ele se liberou de sua tarefa conosco. Ficamos em torno do caixão, e me sentia um tanto desconfortável – uma sensação ‘diferente’ do incômodo

4 Como exemplo, ver: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-19/bergamo-nao-consegue-enterrar-seus-mortos-e-exercito-leva-corpos-para-cremacao-em-outras-cidades.html> e <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52129845>. Último acesso em: 21 de maio de 2021.

esperado em um velório. Não era a única, pois Olga sugeriu abrir o caixão e prontamente apoiamos a ideia. Retiramos toda a “tampa” e cuidadosamente encostamos na estrutura que nos dava cobertura. De certa forma, ver Giuseppina pela última vez amenizava o desconforto.

Aos poucos nos sentimos à vontade para expressar (alguns antropólogos diriam “performar”) nossos sentimentos. Minha mãe e tias choravam, todas contidamente, cada uma à sua maneira. Leandro, emocionado, se posicionou ao lado de minha avó. De início, achei que ele estava rezando, mas logo seus gestos se tornaram mais amplos, ele começou a balbuciar e ouvi, repetidamente, com sua voz um pouco alterada: “ela está bem, ela está bem”. Leandro, querido genro de Giuseppina, vem de uma família que tem um “pé no mundo espiritual”; ele tem tias que incorporam, psicografam, escutam ou têm visões... Eu chorava e olhava para minha avó: a sensação era de que ali no caixão estava alguém apenas parecida com Giuseppina. Por melhor que tivesse preparado seu corpo com aspecto de um corpo vivo e saudável, não era daquela forma que ela arrumava o cabelo. Alguém comentou que ela não teria gostado daquela cor de batom.

É difícil chorar e enxugar lágrimas, ao mesmo tempo em que se deve ter cuidados para evitar contágio de Covid-19. É estranho não se sentir à vontade no próprio corpo, nos próprios gestos contidos e conscientemente planejados. Mariana se debulhava em lágrimas, sua máscara já estava úmida. Este foi meu limite: precisei abraçar minha prima. Naquele momento, nem toda prevenção de contágio valia a pena; esse abraço também foi um cuidado comigo e com meu corpo.

Os momentos de autocuidado eram intercalados por novos momentos de tensão. Na rua perpendicular passa um carro funerário em velocidade relativamente alta, levando em consideração que é uma via de paralelepípedos com muitas deformações, pelas raízes das árvores que se espalharam ao longo de décadas. O carro era conduzido por um homem que vestia o traje completo de EPI’s (Equipamento de Proteção Individual). Os anos em que trabalhei como psicóloga hospitalar em um CTI (Centro de Tratamento Intensivo) não me prepararam para o impacto que aquele uniforme provocava naquele momento. O homem usava um macacão que cobria até a cabeça, deixando apenas o rosto de fora, com óculos de proteção e máscara N-95. Sem dúvida, o transporte era de um caixão com alguém que morreu de COVID-19 ou que estava sob suspeita. Essa pessoa foi enterrada por algum funcionário, sem a presença de seus familiares, ainda que poucos.

Alguém propôs que rezássemos em família. Não tenho religião, frequentei colégio católico – o que me influenciou a ponto de escolher fazer primeira comunhão e frequentar missas quando criança. Sou adepta de rituais. Demos as mãos fechando um círculo e rezamos o “Pai Nosso” e a “Ave Maria”. Ao fim soltamos as mãos e, enquanto alguns compartilhavam algumas palavras por Giuseppina, circulávamos frascos de álcool em gel.

Rapidamente as memórias doces deram lugar às ácidas, quando Olga lembrou, em tom de estranheza, que há menos de uma semana estávamos juntos, enquanto ela costurava nossas máscaras em um ritmo que só quem já foi costureira é capaz de alcançar. Lembrávamos que, nesse último encontro de família, conversávamos e ríamos enquanto minha avó, deitada no sofá da sala de Rebeca, parecia alheia a tudo. Prostração à parte, devido aos sintomas de



um câncer em estágio avançado, Giuseppina demonstrou que não estava ausente e reclamou: “Olga, não me vá você quebrar minha máquina de costura”. Quando Olga acabou de rememorar este episódio, explodimos em gargalhadas em pleno funeral, chamando atenção de pessoas presentes no funeral populoso que acontecia ao lado. Minha família gosta de humor ácido, todos reconhecemos nossa Giuseppina naquela lembrança compartilhada por Olga. Trocamos mais lembranças, em meio a risadas e olhares dos vizinhos.

Comentamos que afinal gostamos do modelo do “velório express”, pois só nós estávamos com ela nos últimos meses, sem precisar receber os poucos amigos ainda vivos de minha avó. Fizemos o pequeno ritual ao nosso modo e tempo. Fechávamos novamente o caixão quando os funcionários chegaram, um pouco atrasados, para o transporte até o jazigo. Outra família já esperava no “banco de praça”, ao lado de um carro de funerária que aguardava ali, com o caixão contendo o ente querido que a família só iria velar após a liberação da mesa ocupada por nossa avó. O cenário estava pronto para a performance seguinte.

Recebido em: 18 de janeiro de 2021

Aprovado em 25 de fevereiro de 2021

